

# LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO

Francine Cordeiro Bobato

Silvia Iris Afonso Lopes

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# SUMÁRIO

# A LINGUAGEM

“Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”.

(Bakhtin, 1995, p.113)

Linguagem oral, linguagem escrita, alfabetização, letramento...

O que é necessário para que uma criança aprenda a ler e escrever? Como a criança entra nesse processo? Por que a aquisição da língua oral e escrita é tão importante?

Vivemos em uma sociedade letrada em que a leitura e a escrita são objetos culturais e instrumentais imprescindíveis à comunicação. Nesse sentido, qual o papel da linguagem nesse processo? Mas afinal, o que é linguagem?

De acordo com o Dicionário Aurélio, Linguagem é

1 – O uso da palavra articulada ou escrita, como meio de expressão e de comunicação entre pessoas; 2 – Expressão do pensamento pela palavra, pela escrita ou por meio de sinais; 3 - A forma da expressão pela linguagem, que é própria de um indivíduo, grupo, classe, profissão, etc. 4 – Vocabulário; palavreado.

Também podemos dizer que linguagem é um conjunto de signos estruturados que se combinam com vistas à comunicação entre os indivíduos que dominam esses signos.



Cagliari (2007, p.18) postula que

Linguagem é um fato social e sobrevive graças às convenções sociais que são admitidas para ela. As pessoas falam da maneira como seus semelhantes e por isso se entendem. Se cada um falasse como quisesse, jamais poderia existir a linguagem numa sociedade.

Abdala (2009, p.15) salienta que:

Linguagem compreendida como prática interlocutiva – processo de constituição de sujeitos que, como nos diz Bakhtin (1995), não apenas pronunciam ou escutam palavras, mas revelam verdades ou mentiras, coisas boas ou más, agradáveis ou desagradáveis, a ‘arena das contradições’, encarnando o sentido como elemento da cultura, exprimindo a experiência vivida nas relações sociais.

A linguagem revela o arcabouço de experiências que vivemos e que nos constituem enquanto sujeitos.

Para ampliar o conceito de linguagem convidamos você a ler o verbete escrito pelo autor Marcos Araújo Bagno.

## Linguagem

Autor: Marcos Bagno - Universidade de Brasília-UnB.

Nos links abaixo há dois vídeos explicativos sobre a linguagem.

O que é linguagem 1

O que é linguagem 2

# LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

A aquisição da linguagem oral se dá na vida do sujeito nos primeiros meses de vida. A mãe, ou a pessoa que interage com um bebê por meio da fala, estabelece com essa criança uma comunicação pois, quando conversa com ela, utiliza a oralidade para se expressar, enquanto que a criança, embora não balbucie palavras ou sons, demonstra comunicar-se por meio de sua expressão facial e corporal.

Podemos considerar, de maneira bem simplista, que a escrita é o desenho da oralidade, ora a “[...] escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala.” (CAGLIARI, 2007, p. 103).

Nos links abaixo ampliamos a compreensão a respeito da língua oral e escrita:

Língua oral e escrita 1

Língua oral e escrita 2

O documento intitulado *A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de nove anos*, produzido pelo Ministério da Educação, objetiva orientar o trabalho com a linguagem escrita. Nele o professor encontra subsídios para a sua prática, além de refletir questões pertinentes a esse trabalho.

A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos

# DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Consideradas as principais teorias acerca do desenvolvimento da escrita da criança, tanto a psicogênese da língua escrita como a pré-história da linguagem escrita, compreendem que a criança inicia o processo de aquisição da língua escrita antes de ingressar na escola.

## CONTRIBUIÇÕES DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

Para Emília Ferreiro, a escrita é construída evolutivamente pela criança por meio de hipóteses. Assim, nesse processo, a criança formula e testa suas hipóteses em relação a escrita. É a partir dos confrontos entre as hipóteses e a escrita padrão que a criança apreende e compreende como esse sistema simbólico funciona.

Baseado no método clínico-crítico, o estudo de Emília Ferreiro e Ana Teberoski inclui crianças de diferentes níveis sociais e que ainda não conhecem os princípios da escrita convencional. O estudo revela que as crianças passam por cinco níveis do processo de construção da escrita.

**NÍVEL 1:** *Escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como forma básica da mesma (fase das garatujas).*

Nesse nível o que realmente importa é a intenção do escritor e não as diferenças objetivas no resultado, pois ele é quem sabe o que escreveu. As escritas se assemelham entre si, e não funcionam como veículo de informação, pois cada um pode interpretar sua própria escrita, mas não a dos outros. Aparecem as tentativas de correspondência figurativa entre o objeto e a escrita. Nessa fase é interessante observar que a criança espera que a escrita do nome de uma pessoa, por exemplo, seja proporcional ao tamanho da pessoa ou a sua idade. Não correspondência entre escrita e o som. E a criança pode utilizar de desenhos para apoiar sua escrita.

Exemplos de escrita nesse nível:

### Nível 1 - Garatujas

**NÍVEL 2:** *A hipótese central é que para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes), deve haver uma diferença objetiva nas escritas (pré-silábico).*

A forma de grafismo é mais definida, mais próxima das letras. A criança continua trabalhando com a ideia de que falta uma certa quantidade de grafismos para escrever algo, assim para tentar resolver esse impasse a criança utiliza a escrita por meio de variações na forma linear. A quantidade e variedade de grafias é constante (no mínimo três), e essas formas que a criança já domina ela mantém como um modelo fixo. Há predominância da escrita de imprensa. Veja nos exemplos a seguir:

### Nível 2 – Pré-silábico

“ [...] a aquisição de certas formas fixas está sujeita a contingências culturais e pessoais” (FERREIRO; TEBEROSKI, 2008, p.205, grifo no original?????).

**NÍVEL 3:** *Caracterizado pela tentativa de atribuir valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Cada letra vale por uma sílaba. (Hipóteses silábicas)*

Mudança qualitativa em relação aos níveis anteriores. a) Supera a correspondência global entre a forma escrita e a oralidade, passando para a correspondência entre as partes do



texto (cada letra) e as partes da expressão oral (sílabas); b) a criança começa a trabalhar com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala.

É importante salientar que, nesse nível, as consoantes têm valor silábico, por exemplo: a letra S pode representar o SA da palavra sapo, a letra F representa o FE de feijão. Isso também acontece com as vogais, por exemplo as letras UO significam a palavra urso; além de palavras que podem representar ainda orações, como por exemplo OOC que significa minha menina toma sol.

Exemplos da escrita silábica:

### Nível 3 – Silábico

A hipótese silábica é uma construção própria da criança, ela não é transmitida pelo adulto.

#### **NÍVEL 4:** *Passagem da hipótese silábica para a alfabética (hipótese silábico-alfabética).*

Para Ferreiro e Teberosky:

A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá 'mais além' da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias (ambas exigências puramente internas, no sentido de serem hipóteses originais da criança) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipóteses silábicas (conflito entre uma exigência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito). (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008, p.214).

O conflito que a criança enfrenta nesse momento é grande e pode até mesmo gerar bloqueios e negativas para escrever, pois as contradições observadas vão desestabilizando a hipótese silábica fazendo com que a criança busque outros caminhos. Essa procura favorece a inserção de mais letras no seu repertório. Dessa forma, entendemos que esse conflito é necessário para que a criança confronte suas hipóteses e construa outras, a partir desse confronto.

Exemplos desse nível de escrita:

MCA = mesa

SANA = Suzana

MAP = mapa

PAO OMSO = o pato toma sol

PAL ou PAO = pau

### **NÍVEL 5:** *A escrita alfabética*

Nesse nível a criança compreende que “[...] cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever.” (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008, p. 219).

O fato da criança ter chegado a esse nível de compreensão não significa que todas as dificuldades estão superadas, pois ela vai se deparar com as questões relacionadas à ortografia. Por exemplo: xuva para chuva; taqsi para táxi; exame para exame; cinto para o verbo sentir.

Para maior compreensão e aprofundamento das contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberoski indicamos o livro: *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Nos links abaixo você encontra uma entrevista com Emília Ferreiro. No primeiro vídeo ela enfatiza a importância da criança escrever a partir das próprias ideias e, no segundo, ela aborda a consciência fonológica enquanto pré-requisito para a escrita. Vale a pena conferir!

A importância da criança escrever conforme suas ideias:

Consciência fonológica é pré-requisito para escrever?

# CONTRIBUIÇÕES DA PRÉ-HISTÓRIA DA LÍNGUAGEM ESCRITA

“A pré-história da linguagem escrita” é um capítulo da obra A formação social da mente de Lev S. Vygotsky. Para o autor,

[...] a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal. (VYGOTSKY, 1991, p. 70)

Para Vygotsky a aprendizagem da linguagem escrita está muito além do treino mecânico e externo realizado, na maioria das vezes, nas classes de alfabetização. A linguagem escrita é um sistema de símbolos e signos que reflete diretamente no desenvolvimento cultural da criança. Para Luria e Vygotsky a escrita é uma atividade simbólica, construída histórica e culturalmente.

Podemos considerar que a escrita é um constante exercício de representar uma coisa pela outra, a partir dos signos portadores de significados.

## *GESTOS E SIGNOS VISUAIS:*

Vygotsky (1991, p.71) considera que o “[...] gesto é o signo visual inicial que contém a escrita da criança. [...] Os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos simples gestos que foram fixados.” Existem dois domínios em que os gestos estão ligados à origem dos signos escritos: o desenho e os jogos/brincadeiras.

## *SIMBOLISMO NO DESENHO*

Para Vygotsky (1991) o desenho também é considerado como um estágio precursor da escrita.

Os desenhos funcionam como suplementos das representações gestuais, pois a criança utiliza a dramatização para mostrar alguns elementos que deveria mostrar no desenho. Nesse caso, o desenho complementa a representação gestual da criança.

## *SIMBOLISMO NO BRINQUEDO*

Para uma criança, um objeto pode representar muitos outros, não dependendo de sua similaridade com aquilo que se quer representar. Por exemplo, uma cadeira pode representar um carro, um avião, ou qualquer outra coisa que a criança deseje representar.

Isso porque as crianças são imaginativas e, assim como atribuem diferentes significados a um objeto, utilizam da linguagem gestual para reforçar esse significado atribuído, por exemplo, uma trouxinha de tecido enrolada e repousada no braço da criança representa um bebê. Essa é base para a função simbólica do brinquedo. Assim,

[...] o brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de 'fala' através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. É somente na base desses gestos indicativos que esses objetos adquirem, gradualmente, seu significado - assim como o desenho que, de início apoiado por gestos, transforma-se num signo independente.

## *SIMBOLISMO NA ESCRITA*

Nas pesquisas realizadas, Luria é o responsável por investigar o simbolismo na escrita.

Em seus experimentos, crianças que não eram ainda capazes de escrever foram colocadas frente à tarefa de elaborar algumas formas simples de notação gráfica. Pedia-se que procurassem não esquecer um certo número de frases, que excedia em

muito sua capacidade natural de memória. Quando as crianças se convenciam de que não seriam capazes de lembrar de todas as frases, dava-se a elas uma folha de papel pedindo-lhes que grafassem ou representassem, de alguma maneira, as palavras apresentadas. Com frequência as crianças ficavam perplexas diante dessa sugestão, dizendo que não sabiam escrever. Nesse momento, o experimentador ensinava-lhes algum procedimento que implementasse o que foi pedido e examinava até que ponto as crianças eram capazes de dominá-lo e em que momento os rabiscos deixavam de ser simples brincadeiras e se tornavam símbolos auxiliares na lembrança das frases. No estágio dos três para os quatro anos, as notações escritas em nada ajudavam as crianças no processo de lembrança; ao tentar lembrar as frases, as crianças nem olhavam para o papel. Entretanto, de vez em quando, encontrávamos alguns casos, aparentemente surpreendentes, que destoavam consideravelmente dessa regra geral. Nesses casos, a criança também rabiscava traços absolutamente não diferenciados e sem sentido, mas, quando reproduzia as frases, parecia que as estava lendo; ela se reportava a certos rabiscos e podia indicar repetidamente, sem errar, que rabisco representava que frase. Surgia então uma relação inteiramente nova para esses rabiscos e para a atividade motora auto-reforçadora: pela primeira vez os traços tornavam-se símbolos mnemotécnicos (VYGOSTKY, 1991, p. 76-77).

Para Luria e Vygotsky esses traços são precursores da escrita, pois com o tempo a criança troca os traços simbolizadores e ainda indecifráveis em pequenos desenhos, que serão substituídos pelos signos.

Diante dessa consideração percebemos que a trajetória feita pela criança no processo de aquisição da escrita é muito semelhante à história da própria escrita.

Os estudos de Luria e Vygotsky confirmam que a escrita é uma função culturalmente mediada.

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO



Audio 1 (clique para iniciar)

Métodos de alfabetização:

Alfabetização e letramento:

## ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA

No livro *Linguagem e Alfabetização* a autora, Rejane Klein (2011) apresenta, no capítulo 3, a aprendizagem da leitura e da escrita na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky. Nessa abordagem,

[...] a aprendizagem e o desenvolvimento dependem da interação social, do uso de instrumentos que podem ser materiais e simbólicos e a linguagem desempenha um papel fundamental na aquisição das funções complexas superiores. A linguagem tem duas funções importantes: a de intercâmbio social e a de possibilitar a construção do pensamento generalizante. (KLEIN, 2011, p.33).

No link abaixo você pode compreender um pouco mais sobre a abordagem sociointeracionista de aprendizagem.

Acesse o vídeo:

## A LINGUAGEM E AS RELAÇÕES DE PODER

Eu pensava que era pobre.  
Aí, disseram que eu não era pobre, eu era necessitado.  
Aí, disseram que era autodefesa eu me considerar necessitado, eu era deficiente.  
Aí, disseram que deficiente era uma péssima imagem, eu era carente.  
Aí, disseram que carente era um termo inadequado. Eu era desprivilegiado.  
Até hoje eu não tenho um tostão, mas tenho já um grande vocabulário.

(Cartum do humorista Feiffer, representa um monólogo de um indivíduo popular).



Audio 2 (clique para iniciar)

Nessa seção refletiremos sobre a linguagem como instrumento de poder. Pensar a linguagem no espaço escolar requer refletir a respeito das seguintes implicações éticas entre a linguagem e a educação:

[...] a estigmatização das variedades linguísticas e a inconsequente intervenção unilateral do professor, que considera as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais); e a associação das variedades linguísticas à variedade 'cultura' presa à tradição gramatical, ao mito da 'língua padrão', tornando-as objeto do processo de ensino voltado para a gramática tradicional. Tais posições cristalizam padrões linguísticos, estereótipos; desconsideram o espaço de contradição da educação e sua força transformadora. (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008, p.).

Para Pierre Bourdieu a língua é um bem simbólico, tornando as relações de comunicação linguísticas em relações de força simbólica. São essas relações de força que explicam porque, numa interação verbal, alguns falantes exercem poder e domínio sobre outros e porque determinados produtos linguísticos recebem mais valor que outros. Dessa

forma, “[...] as relações de força simbólica determinam quem pode falar, a quem, e como” (SOARES, 1994, p.56, grifos no original). Essas determinações conferem poder para uma determinada linguagem em detrimento de outra.

Bourdieu analisa o papel da linguagem na estrutura social, apontando “[...] as relações entre a língua e as condições sociais de sua utilização nas situações de interação verbal.” (SOARES, 1994, p. 55).

Para o sociólogo “[...] a língua é feita para comunicar, portanto, para ser compreendida, decifrada, que o universo social é um sistema de trocas simbólicas e a ação social um ato de comunicação.” (BOURDIEU, 1977 p. 2). Contudo, os usos da língua dependem da posição de seus usuários na estrutura das relações de forças simbólicas.

Bourdieu explica que assim como há uma economia na troca de bens materiais, há também uma economia das trocas simbólicas que, neste caso, é uma economia das trocas linguísticas. Assim,

Para que uma forma de linguagem se imponha entre outras (uma língua, no caso do bilinguismo, um uso da língua no caso de uma sociedade dividida em classes) como a única legítima, para que se exerça, em suma, o efeito de dominação reconhecida (isto é, desconhecida), é preciso que o mercado linguístico esteja unificado e que os diferentes dialetos de classe ou de região se comparem praticamente à língua legítima. A integração numa mesma ‘comunidade linguística’ (dotada de instrumentos de coerção necessários para impor o reconhecimento universal da língua dominante: escola, gramáticos etc.) de grupos hierarquizados, animados por interesses diferentes, é a condição de instauração de relações de dominação linguística. Quando uma língua domina o mercado, é em relação a ela, tomada como norma, que se definem, ao mesmo tempo, os preços atribuídos às outras expressões e o valor das diferentes competências. A língua dos gramáticos é um artefato que, universalmente imposto pelas instâncias de coerção linguísticas, tem uma eficácia social na medida em que funciona como norma, através da qual se exerce a dominação dos grupos. Detendo os meios para impô-la como legítima, os grupos detêm, ao mesmo tempo, o monopólio dos meios para dela se apropriarem.

Os conteúdos escolares, em especial os processos de alfabetização legitimados pela escola estão, na maioria das vezes, atrelados à cultura dominante, aos gostos e língua da classe dominante. Nesse sentido,



Os conteúdos ideológicos da classe dominante não somente se transmitem nas lições de história ou geografia; não somente se deslizam nas páginas dos livros de leitura. Inclusive na transmissão das noções aparentemente 'neutras', nos ramos aparentemente menos 'ideologizados' do ensino, como a apresentação do código alfabético, a ideologia faz sua aparição. (FERREIRO; TEBEROSKY, 2008, p.260).

A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos.

Para aprofundar seus estudos leia o texto :

**A economia das trocas linguísticas de Pierre Bourdieu:**

Encerramos esse material com uma tirinha da personagem Mafalda, criada pelo humorista Quino, e que diz muito a respeito dos processos de aquisição da leitura e da escrita e do sentido, ou falta dele enquanto prática social.

**Mafalda:**

## REFERÊNCIAS:

ABDALA, Maria de Fátima B. Linguagem, educação e formação de professores. Nuances, São Paulo, v.4, n.4, p.15-19, set. 2009. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/68/70>> Acesso em: 20 mar. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. Reproduzido de BOURDIEU, P. L'économie des échanges linguistiques. Langue Française, 34, maio 1977. Traduzido por Paula Montero. Disponível em <<http://www.antropologias.org/files/downloads/2011/05/Pierre-Bourdieu-A-economia-das-trocas-simb%C3%B3licas.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2017.

CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização & linguística. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 2008.

KLEIN, Rejane. Linguagem e alfabetização. Guarapuava: UNICENTRO, 2011.

SOARES. Magda. Linguagem e escola: uma perspectiva social. 11. ed. São Paulo: Ática, 1994.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. 4 ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.